

Alegria do Povo e Don Diego:

*Reflexões sobre o êxtase e a
agonia de heróis do futebol*

Ronaldo Helal*

Maurício Murad**

"O mito é o nada que é tudo"

Fernando Pessoa

"Infeliz o país que não tem heróis... Não. Infeliz o país que precisa de heróis". Esta passagem da peça *Vida de Galileu* escrita por Bertold Brecht em 1938 alertava para o perigo de se viver em uma sociedade que não soubesse agir e se organizar por conta própria, necessitando sempre de um líder, um herói ou uma figura lendária para solucionar os seus problemas. Em plena era de expansão de regimes totalitários, a figura do herói seria, segundo a interpretação desta passagem, uma fabricação das elites dominantes para manipular e anestesiar a população, fazendo com que esta se tornasse apática em estado de permanente fascínio pelo ídolo "fabricado". Este, por sua vez, não seria capaz de agir por conta própria, mas sempre de acordo com os interesses dos dirigentes.

Um olhar mais cuidadoso sobre esta passagem de Brecht indica que, embora válida, é uma conclusão datada e que expressa o contexto da história em questão e o período em que a peça foi escrita. De uma

**Do Departamento de Teoria da Comunicação da UERJ, do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ. Doutor em Sociologia pela New York University. Autor do livro *O Que É Sociologia do Esporte*, Brasiliense, 1990.*

***Do Departamento de Ciências Sociais da UERJ. Fundador e Coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol CIS/IFCH/ UERJ. Autor do livro *Todo Esse Lance Que Rola: Uma História de Namoro e Futebol, Relume Dumará*, 1994.*

De uma forma ou de outra todos os grupos humanos "fabricam" os seus heróis. O mito dos heróis é uma constante em todas as civilizações.

A figura do herói é representativa de questões fundamentais da coletividade e se torna reveladora de descobertas centrais para o entendimento de uma cultura.

¹Patai, Raphael - *O Mito e o Homem Moderno* pp. 61 - São Paulo, Cultrix, 1972.

forma ou de outra todos os grupos humanos "fabricam" os seus heróis. O mito dos heróis é uma constante em todas as civilizações. Tanto nas sociedades tribais como nas complexas sociedades da era industrial, a figura do herói é uma referência para a formação e reforço da coletividade.

Não é difícil perceber que o mundo moderno é permeado de heróis. Eles estão à nossa volta e nos deparamos com eles sempre que lemos os jornais, escutamos o rádio, assistimos televisão, um filme, uma partida de futebol, um show de rock, etc. Sejam heróis das conquistas políticas e sociais dos países, heróis das histórias em quadrinhos, heróis do cinema, ou heróis do esporte, a presença deles nos remete ao pensamento de que são referenciais às nações modernas. Mesmo os heróis das histórias em quadrinhos, evidentemente construídos pelos produtores, estão sujeitos a modificações constantes em suas personalidades e trajetórias de acordo com a recepção da sociedade. A figura do herói é representativa de questões fundamentais da coletividade e por isso mesmo uma investigação profunda sobre sua construção, papel e significado, se torna reveladora de descobertas centrais para o entendimento de uma cultura.

De uma forma geral, o herói é aquele que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa. Conforme colocou Joseph Campbell in Raphael Patai: "o herói parte do mundo cotidiano e aventura-se a uma região de maravilha sobrenatural, onde arrasta forças fabulosas e logra uma vitória decisiva; e regressa da misteriosa aventura com o poder de conceder dádivas ao seu semelhante"¹. Apesar de se transformar em uma

celebridade, o herói se distingue desta ao agir para redimir a sociedade, não vivendo somente para si.

Assim, o herói é quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo nesta façanha uma necessária dose de "redenção" e "glória" de um povo. Mas para que a sua trajetória heróica alcance este status é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam. Logo, o mito do herói faz parte de uma relação com os seguidores, os fãs, aqueles que os idolatram. Sem esta relação, este "acordo", o herói não é herói, o que nos leva a concluir, então, que na figura do herói se encontram agrupadas várias representações distintas da coletividade.

O esporte moderno é pródigo em "fabricar" heróis. Entre os esportes, o futebol se destaca como o "esporte das multidões". Para se ter uma idéia, a Federation Internationale de Football Association (FIFA) reúne um número maior de nações afiliadas do que a Organização das Nações Unidas (ONU)². Entre várias façanhas heróicas que um jogador de futebol pode protagonizar durante sua carreira, a maior e mais abrangente de todas elas, aquela que será vista por um número extraordinário de pessoas do mundo inteiro e que por isso mesmo a legitima e a eterniza, se dá no confronto entre as seleções mundiais durante uma Copa do Mundo³. Neste artigo pretendemos analisar a trajetória heróica de dois grandes ídolos do futebol, que em períodos distintos se destacaram de todos os outros como os melhores do mundo, tendo levado ao triunfo as seleções de seus países: Garrincha e Maradona. A escolha de Garrincha e Maradona para a nossa análise

²FIFA (191 países membros) e ONU (184), em fevereiro de 1995. Fonte: Núcleo de Sociologia do Futebol, CISI/IFCH/UERJ.

³É interessante observar também que durante uma Copa do Mundo cada estilo de jogo diz respeito as diferentes culturas de diferentes países. O fato da Seleção Brasileira de 1994 jogar um futebol, considerado mais "moderno", com muita aplicação tática e poucos dribles, foi visto com desconfiança pela população que apesar de celebrar a conquista, não demonstrou se reconhecer naquele estilo de jogo e elegeu Romário o ídolo da nação, justamente o jogador que mais guardava as características do "futebol-arte".

não é fortuita. Ela obedece a uma lógica que fala da ascensão e declínio do herói futebolístico, em dois países vizinhos, que possuem uma afinidade histórica que transcende as diferenças de idiomas e rivalidades casuais. Além disso, tanto um quanto outro foram considerados heróis únicos de suas equipes em uma Copa do Mundo — Garrincha em 1962 e Maradona em 1986.

* * *

Certa vez, em uma coletiva à imprensa, perguntaram a Gabriel Garcia Marques sobre o fantástico na literatura latino-americana e ele respondeu com inabalável certeza que considerava sua literatura realista. Diante da perplexidade dos interlocutores, o mestre colombiano esclareceu de pronto que reafirmava sem nenhuma dúvida aquilo que dissera, porque considerava que na América Latina tudo podia acontecer...

Gualicho e Pelusa foram respectivamente os primeiros apelidos de Garrincha e Maradona, heróis míticos e relevantes sínteses sociológicas do êxtase e da agonia das sociedades brasileira e argentina.

Gualicho e Pelusa, ao mesmo tempo realidades muito distintas e semelhantes, são eloquentes metáforas culturais da América Latina, este continente de “veias abertas”, cujo potencial de riquezas nem sempre condiz com o destino histórico de seu povo, as vezes trágico, outras vezes épico.

Gualicho e Pelusa foram respectivamente os primeiros apelidos de Garrincha e Maradona, heróis míticos e relevantes sínteses sociológicas do êxtase e da agonia das sociedades brasileira e argentina.

O conceito de herói mítico é básico para compreendermos a importância das trajetórias de vida destes

dois ídolos do futebol mundial, para os seus respectivos países. Umberto Eco entende o processo de mitificação como “simbolização incôscia” e mostra como a sociedade moderna possui um processo de mitificação semelhante ao das sociedades ditas primitivas⁴. O mito seria uma forma de comunicar e significar um valor através de um símbolo. Assim, o mito comunica, expressa uma mensagem, é um discurso sobre a sociedade; em suma, “o mito é uma fala” setenciou Roland Barthes⁵. Uma fala indireta, uma metalinguagem. É importante termos isto em mente para podermos entender que o herói mítico centraliza as atenções e expressa através de sua trajetória e façanhas os anseios, temores, esperanças e frustrações da coletividade. Mas estes sentimentos não estão ditos claramente. É preciso decifrá-los, descobrir o que está latente através de seus conteúdos manifestos.

Brasil e Argentina são países nos quais o futebol, enquanto paixão maior, simboliza no imaginário de seus povos, o mais veloz caminho e o mais eficiente instrumento de realização de suas esperanças e desejos: a ruptura com a pobreza e o anonimato. Em estruturas sociais altamente hierarquizadas como estas, bem mais complexo que este processo de acelerada ascensão social, conquistado solitariamente pelo protagonista, é a manutenção do status alcançado. Ingressar em outra classe social, através de méritos pessoais, apesar de ser uma façanha festejada pela ideologia do capitalismo liberal (“todos os indivíduos têm as mesmas oportunidades e o sucesso está ao alcance de todos sem distinção de raça, credo, ou classe social”), é também, na prática de quem o vivencia, o estabelecimento de “cabeça-de-ponte” em território inimigo, que se não for

⁴Eco, Umberto - *Apocalípticos e Integrados* - São Paulo, Perspectiva, 1979.

⁵Barthes, Roland - *Mitologias* pp. 131 - São Paulo, Difel, 1982.

Brasil e Argentina são países nos quais o futebol, enquanto paixão maior, simboliza no imaginário de seus povos, o mais veloz caminho e o mais eficiente instrumento de realização de suas esperanças e desejos: a ruptura com a pobreza e o anonimato.

⁶Para uma discussão sobre esporte e alienação do atleta ver Paul Hoch, *Rip Off The Big Game* - New York, 1979 e Jean-Marie Brohm, *Sport A Prison Of Measured Time* - London, Ink Links, 1978.

⁷Este ensaio foi originalmente escrito em 1991 e atualizado em 1994, até o final da Copa do Mundo.

⁸Geertz, Clifford - "Um Jogo Absorvente: Notas Sobre a Briga de Galos Balinesa" in *A Interpretação das Culturas* pp. 321 - Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

acompanhado de razoável dosagem de consciência social tende a se transformar, via processo de alienação⁶ e sentimento de culpa, pelo abandono de seus iguais, em terreno de areia movediça que traga e destrói quem antes, deificado, "caminhava sobre as águas". Deste modo, o novo status — riqueza e fama — torna-se efêmero, ilusório e cede lugar a uma situação traumática, de marginalidade, podendo até regredir à condição original — pobreza e anonimato. Tem sido muitas vezes assim: no passado com Gualicho, chamado depois "Anjo", "Torto" e "Alegria do Povo", caso já encerrado, irreversível, definitivo; no presente com Pelusa, chamado também "El Pibe" (Garoto), "Don" e "Embaixador", drama ainda em andamento, reversível e recorde de interrogações⁷. A densa história de vida de ambos é uma narrativa simbólica e deve ser lida, como Affonso Romano de Sant'Anna "enquanto sintoma de uma determinada escritura ideológica" ou ainda nos termos de uma sociologia da historicidade das biografias, nas quais estão contidas modelos de vida que revelam traços fundamentais de uma cultura.

A biografia de um herói contém, sem dúvida, mensagens e revelações importantes da cultura de um povo. Não pretendemos com isso explicar uma cultura através da biografia de um herói. Em outros lugares sociais, ocasiões, festividades, celebrações e biografias também se encontram embutidas mensagens reveladoras. Clifford Geertz nos ensina por exemplo que a "cultura de um povo é um conjunto de textos"⁸. Assim, entre outros textos reveladores das culturas brasileira e argentina, encontramos as trajetórias de vida de Garrincha e Maradona. E por terem se tornado ídolos mundiais, podemos arriscar que na figura de ambos se encontram embutidas, também, alguns

arquétipos universais, menos particularistas, que falam do extêse e da agonia, do apogeu e do declínio dos heróis míticos.

Gualicho nasceu em 1933, ano da implantação do profissionalismo no futebol brasileiro (logo ele que foi o menos profissional de todos), na cidadezinha de Pau Grande, RJ, de nome Manoel Francisco dos Santos, embora no registro tenha constado apenas Manoel, solidão de um nome ocasionada pela embriaguez do funcionário que lavrou a certidão⁹. O outro apelido, este célebre e com o qual encantou o mundo, Garrincha, foi herdado do nome de um passarinho de sua terra natal (de maioria analfabeta e descendente de escravos) e subjacente selou sua trajetória dionisíaca: gloriosa liberdade em seu fluxo desejante, mas presa fácil no refluxo de seu descenso.

Pelusa nasceu numa espécie de cortiço em 1961 — data comemorativa dos 70 anos do futebol argentino — em Villa Fiorito, subúrbio pobre de Buenos Aires, de nome Diego Armando Maradona, considerado o melhor jogador de futebol do mundo na última década. Pelusa, apelido de infância em razão da vasta e encaracolada cabeleira negra, sai e entra Maradona, rápida trajetória de herói mítico, hoje, na fronteira de seu calvário.

Mané Garrincha, Botafogo, 1953, 20 anos de idade, partida de estréia, 3 gols. Seleção brasileira, 1955, campeão mundial, 1958, bicampeão, 1962, aclamado o melhor jogador da Copa, herói nacional. Em 1963, Garrincha pediu alto para renovar com o Botafogo. Os contratos anteriores foram assinados em branco... Começam também as dores lancinantes no joelho. É o

⁹Todos os dados (incluindo os artigos de jornais e revistas) sobre Garrincha e Maradona, colocados neste artigo, foram coletados no Núcleo de Sociologia do Futebol CIS/IFCH/UERJ.

início de um final decadente, autofágico, mergulhado no álcool até a sua morte, em 1983. Mané transformado em seu próprio João, como avisara o companheiro de equipe Nilton Santos. Dez anos, portanto, de engenho e arte, o tempo áureo deste semi-Deus no Olimpo. Garrincha, o herói mulato, afirmação máxima da espontaneidade e da ludicidade no futebol, trágico, comovente e explorada ingenuidade. “Eu queria ir para a Itália para fazer meu pé-de-meia, mas me disseram que eu era patrimônio do clube, eu achei bacana ser isso, só que depois descobri que fechavam as portas do clube para o patrimônio”. Ou ainda: “numa excursão lá fora me prometeram um bom dinheiro para eu aceitar as infiltrações no joelho e não diminuir a cota do time. Eu aceitei, joguei e até hoje não me pagaram, ficaram me enrolando” (depoimento a Sandro Moreyra e Sérgio Noronha, Rádio, JB, 1973).

Garrincha, o herói mulato, afirmação máxima da espontaneidade e da ludicidade no futebol, trágico, comovente e explorada ingenuidade.

Operário da fábrica de tecidos de sua terra, este infernal driblador e malabarista da pelota era proprietário de um corpo “torto”, do qual somente tomou conhecimento quando o futebol passou a ser sua profissão em 1953 e já com 20 anos de idade. Essa demora na tomada de consciência das realidades mais próximas, em contraposição à rápida ascensão social que o futebol permite, contribui para desagregar o binômio conquista-consolidação e assim favorece o declínio e a conseqüente depressão do ídolo. No caso de Garrincha, isto foi avassalador e o álcool abasteceu as viagens delirantes que se repetiam sempre e nas quais — fuga e negação da fase decadente — se via de novo equilibrista nos píncaros da glória. Mané Garrincha, que com picardia e irreverência teve a chapliniana fidalguia de devolver as agressões do jogador chileno Eládio Rojas, em Santiago no Mundial

de 62, com um elegante pontapé no traseiro — “sentença de uma justiça não oficial”, como um dia, distante, Carlos Drummond de Andrade, solicitou a Carlitos, o homem do povo, que jogasse o guarda no chão e lhe aplicasse a desmoralizante penalidade. Enfim um Ícaro, sem o dado da ambição, que voou em direção ao sol e teve derretidas as suas asas de cera, despencando brutalmente num infinito mar de solidão e álcool.

Na edição do Jornal do Brasil um dia pós a sua morte, em 20 de janeiro de 1983, Carlos Drummond de Andrade escreveu que Garrincha foi “um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas”. É interessante observar nesta frase o processo de humanização do herói. Os seus feitos nos campos de futebol o levaram à condição de herói mítico. O declínio de sua carreira denunciou o conteúdo humano que se encontrava dentro da figura do ídolo. A morte, anos após o encerramento de sua carreira, ao mesmo tempo que humaniza Mané, o homem, o mortal, imortaliza Garrincha, o mito, o imortal. Um ano após sua morte o jornal Folha de São Paulo (20/10/84) em uma reportagem sobre Garrincha destaca a seguinte frase de João Saldanha: “daqui 300, 400 anos, toda vez que falarem de futebol, vão ter que falar no Garrincha”. José Carlos Rodrigues ao analisar as manifestações que sucederam ao falecimento de seis personalidades, inclusive Garrincha, conclui:

A morte completa, assim, o destino do herói. Realiza sua dupla natureza: humana e divina. Ela o faz desempenhar seu papel de humano, sua vocação profunda, que é a de lutar contra o mundo e perecer heroicamente diante de uma fatalidade

Enfim um Ícaro, sem o dado da ambição, que voou em direção ao sol e teve derretidas as suas asas de cera, despencando brutalmente num infinito mar de solidão e álcool.

Os seus feitos nos campos de futebol o levaram à condição de herói mítico.

¹⁰Rodrigues, José Carlos - "Quando a Morte é Festa" in *Ensaio em Antropologia do Poder* pp. 72 - Rio de Janeiro, Terra Nova, 1991.

que terminará por o atingir. Ao mesmo tempo, contudo, a morte realiza no herói sua natureza sobre-humana. Diviniza-o, na medida em que lhe abre as portas da imortalidade: sai da vida, para entrar na História.¹⁰

Diego Maradona, Argentino Juniors, 1977, 16 anos de idade, profissionalismo, transação milionária, Boca Juniors, 1981, 20 anos de idade. No Boca, o mais popular e apaixonado time/torcida argentino, tão abrangente e integralizador quanto os tangos de Gardel, Maradona foi o supremo comandante do último campeonato conquistado pelo clube (1981). No ano seguinte foi vendido ao Barcelona da Espanha, por quase 8.5 milhões de dólares, cifra única, à época para os padrões do mercado futebolístico. Dois anos depois foi para o Nápoli da Itália. A partir daí a seleção argentina: primeiro a frustração por não ter participado do mundial de 78, em sua terra vencido por seu país; depois o êxtase máximo de sua arte, na Copa do Mundo de 1986, vencida pela Argentina, que hipnotizou o planeta com a mágica de "Don Diego", saltimbanco, o maior jogador de futebol do mundo. No dia 17 de março de 1991 jogam Nápoli e Bari pelo campeonato italiano. No exame antidoping constata-se a presença de cocaína; laudo depois confirmado por peritos escolhidos pelo próprio Maradona. Julgado, foi suspenso por quinze meses, até junho de 1992, pela Federação Italiana de Futebol e com o anúncio da FIFA, teve ampliada a sua punição para o âmbito internacional. Um mês depois, já na Argentina, foi preso por uso, porte e acusação de tráfico de cocaína, no Bairro de Cabbalitos, Buenos Aires.

Até aqui, 1991, temos exatos dez anos de engenho e arte, o tempo áureo deste semi-Deus no Olimpo.

Maradona, o herói portenho, afirmação da espontaneidade e da ludicidade no futebol, trágico como um velho tango e comovente como um bandoneon. Diego Armando Maradona que um dia a ditadura militar argentina tentou tombar, como patrimônio nacional, e, assim, impedir sua venda ao exterior, encontra-se, talvez, no limite exemplar de um herói à margem da solidão.

Algumas passagens publicadas no Jornal do Brasil do dia 4 de abril de 1991 são reveladoras:

"Quem chegasse de repente poderia pensar que Maradona vivia sua apoteose. A rua estava coberta de gente que gritava 'Diego, Diego', enquanto o ídolo sorridente acenava com a mão direita. No entanto a cena correspondia à prisão de Diego Armando Maradona, surpreendido pela polícia, junto com dois amigos, consumindo cocaína num pequeno apartamento do bairro de Caballitos em Buenos Aires... A maioria das pessoas o aplaudiam, mas uma mulher chorava desesperadamente: 'Não o abandonem, ajudem Maradona, eu tenho filhos e o amo' gritava exaltada."

Na queda do ídolo, a sua humanização. Ao invés de Maradona, o mito, o imortal, entra Diego, o homem, o mortal. No desespero da fã, o sentimento maternal. Maradona humanizado, familiarizado com seus fãs e seguidores. A trajetória mítica em crise, a morte simbólica do imortal Maradona e a ressurreição do mortal Diego.

Em 1993, Maradona retorna à seleção argentina em um momento crucial. A seleção, depois de ser derrotada por 5 a 0 contra a Colômbia, iria disputar, agora, contra

Na queda do ídolo, a sua humanização. Ao invés de Maradona, o mito, o imortal, entra Diego, o homem, o mortal.

No Boca, o mais popular e apaixonado time/torcida argentino, tão abrangente e integralizador quanto os tangos de Gardel, Maradona foi o supremo comandante

a Austrália, uma vaga para a Copa. Maradona, mais gordo, retorna como salvador. O jogo termina 1 a 0 para a Argentina que se classifica para a Copa, mas Maradona demonstra estar muito aquém de sua forma. Vem a Copa do Mundo. Maradona emagrece 13 quilos e é a esperança dos argentinos. Argentina e Grécia jogam no dia 21 de junho. Maradona lidera a vitória por 4 a 0, marca o terceiro gol e a forma como comemorou o gol foi flagrada pelas câmeras de vários fotógrafos e cinegrafistas. O rosto com a expressão de raiva parecia dizer "ainda sou o melhor". É a volta por cima, a redenção, o ídolo está vivo e a Argentina se torna imediatamente a favorita para o título. Quatro dias depois, a seleção argentina joga contra a Nigéria e vence por 2 a 1 com presença decisiva e marcante de Maradona. Se já não tem a velocidade de antes, impõe respeito e transmite confiança. Passa assim, a ser o mais sério candidato ao melhor jogador da Copa (como em 1986). Porém, uma tragédia estava para acontecer, Maradona é escolhido para o exame antidoping após a partida contra a Nigéria. Ficamos sabendo, depois, via imprensa, que a sua escolha deveu-se justamente pela forma como comemorou o gol contra a Grécia. No dia 30 de junho, os dirigentes da Associação de Futebol Argentino comunicaram à FIFA que Maradona estava fora do Mundial, por ter dado positivo o exame, que depois foi repetido por peritos de sua própria escolha e novamente confirmado. O Jornal do Brasil do dia 1º de julho de 1994 noticia de forma exemplar o ocorrido:

"... Por usar um medicamento que contém efedrina, substância condenada nos manuais esportivos, Diego Armando Maradona saiu do Mundial de uma maneira que ninguém esperava, após uma jogada que deixou seus fãs tristes e

órfãos... Era difícil prever que a despedida de Maradona da Copa fosse acontecer exatamente no dia em que ele inscreveria mais um capítulo na história da competição: passaria a ser o jogador que mais atuou em Mundial. Era inimaginável pensar que seria desta forma e não no dia 17 de julho — data da final — no Rose Bowl, em Los Angeles, a saída do maior astro que o futebol conheceu nos últimos anos. A luta de Maradona para participar do seu quarto Mundial, a determinação para fazer o talento se sobrepor ao peso dos anos e da inatividade comoveram o planeta... As viúvas de um jogador que aprendeu a driblar zagueiros e nunca soube como passar por certos conflitos, vão demorar algum tempo para enxugar as lágrimas. Foi com um sorriso maior do que o futebol apresentado por Maradona, nestes 18 anos de carreira, que elas comemoraram seu gol contra a Grécia..."

Pela televisão presenciamos a expressão de tristeza e desespero dos argentinos. O sentimento era mesmo o de "órfãos" e "viúvas". A atuação e o gol contra a Grécia simbolizavam a volta do herói. Este retorno foi comemorado com um "sorriso maior do que o futebol apresentando por Maradona nestes 18 anos de carreira". A possível "orfandade", a morte prematura do herói, não era mais do que uma ameaça. A volta por cima dignificava e mitificava ainda mais a sua saga, simbolizando a redenção e a possibilidade de recuperação, através do esforço, da perseverança, da determinação, e claro, do talento extraordinário. Porém, com a saída do Mundial por acusação de doping, o herói, o redentor havia sido derrotado. Mas a força que o derrotou não estava em campo, não foi nenhum

A volta por cima dignificava e mitificava ainda mais a sua saga, simbolizando a redenção e a possibilidade de recuperação, através do esforço, da perseverança, da determinação, e claro, do talento extraordinário.

jogador, nenhuma equipe (da mesma forma que Garrincha). A acusação de doping pegou os fãs desprevenidos e a dramatização do ocorrido chegou a levá-los a suspeitarem de um complô da FIFA contra o ídolo. No jogo contra a Bulgária (1º de julho de 1994), os torcedores argentinos levaram uma faixa com os seguintes dizeres: "FIFA killed Maradona". Ao mesmo tempo outra faixa demonstrava a junção, agora mais do que nunca familiar, dos seguidores com seu herói: "Diego querido, a Argentina está contigo". Mais uma vez Maradona é tratado como Diego, aliás, Dieguito, como um ente familiar querido, como alguém com características humanas e mortais. É o herói descendo à condição dos mortais (assim como em 1991, quando foi punido pelo uso de cocaína).

Em todas as entrevistas Maradona nega a consciência do doping, critica os dirigentes da FIFA e diz que sentiu-se como se tivesse levado um soco cruzado de Mike Tyson e lhe tivessem cortado as pernas. Nada mais revelador do que a lembrança com Tyson, um herói em fase decadente. "Cortar as pernas", significa simbolicamente a impossibilidade de caminhar, de avançar, de trilhar o caminho da glória. Diego, triste e magoado, é a imagem da derrota de um homem, um mortal, acostumado a se travestir de herói sobre a figura mítica e imortal de Maradona. Diego e Maradona, Mané e Garrincha, homens e Deuses, a difícil tarefa humana de se sustentar no altar da fama. Em ambos os casos, a trajetória total de suas vidas heróicas foi gloriosa, ao partirem do cotidiano para enfrentar obstáculos "intransponíveis". Em ambos os casos, o retorno à casa foi melancólico, após "conceder dádivas aos seus semelhantes", fizeram dos mesmos "órfãos" e "viúvas".

Garrincha e Maradona, gênios da bola, amantes e dançarinos fantásticos que assediados pela glória são, ao mesmo tempo, muito diferentes e muito semelhantes. Diferentes em seus contextos plurais: geração, época, estilos, contratos, mídia, exploração. Semelhanças na sinfonia do drible e na generosidade, no anonimato e na pobreza originais, bem como na escalada extracotidiana de seus ritos de passagem em direção à fama e à riqueza. Inúmeras coincidências dramatizam a comparação entre suas biografias dionisíacas, símbolos da carnavalização entranhada em nossas culturas.

Heróis são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela. Garrincha e Maradona, jogadores de baixa estatura, de origem pobre, vencedores "únicos" de Mundiais (1962 e 1986 respectivamente), heróis das nações brasileira e argentina. Símbolos do futebol alegre, irreverente e poderoso destes países. O declínio de suas carreiras deixou uma legião de fãs "órfãos". O herói é como um pai, um exemplo a ser seguido, um modelo de vida. Os que seguem o herói, depositam nele a possibilidade de redenção, de salvação, o caminho para a glória. Com a derrota do herói, entra em cena o homem, para que o mito possa se eternizar como mensagem, emblema, paradigma de um determinado modo de viver. Assim, os fãs ao mesmo tempo que optaram por uma explicação reverenciada, buscaram humanizar os ídolos, aproximando-se deles como parentes íntimos. No imaginário popular, ambos foram derrotados pela estrutura comercial e selvagem do universo da administração futebolística. Garrincha, na sua "ingenuidade", aceitou as infiltrações no joelho que aceleraram o fim de sua carreira. Morreu de fato pobre

Garrincha e Maradona, gênios da bola, amantes e dançarinos fantásticos que assediados pela glória são, ao mesmo tempo, muito diferentes e muito semelhantes.

Heróis são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela.

e quase anônimo. Sua morte o tirou do anonimato e o imortalizou de vez. No enterro, parentes e torcedores criticavam os políticos e dirigentes de futebol e tentaram impedir que se colocasse uma bandeira do Botafogo e da CBF no seu túmulo (Veja, 26/01/83). Garrincha, uma doce e gigantesca possibilidade de Eros derrotada por Thanatos. Maradona ainda é famoso e rico. A derrota pessoal na Copa de 94 foi, no imaginário dos fãs, devido ao mundo obscuro e impiedoso da direção do futebol profissional. "Tudo não passa de um complô contra Diego, que teria como objetivo principal que ele encerrasse a carreira... Alguns torcedores atônitos levantavam a hipótese de uma trama comandada pela FIFA, que estaria incomodada com as críticas feitas pelo craque quanto ao horário das partidas..." (Jornal do Brasil, 01/04/94). Mesmo quando se admitia a possível fraqueza do herói, não faltavam explicações ligadas ao destino trágico e definitivo do homem. Assim, um escritor napolitano, especialista em anagramas, afirmou que "o craque argentino estava com seu destino traçado no próprio nome. Invertendo as letras de Diego Maradona encontrou a frase 'e a mei donai droga' (e a mim presenteei droga) - (Jornal do Brasil, 03/04/94).

Como Garrincha, na figura de Maradona, estão condensados o dilema sobre a rápida ascensão e a difícil permanência do status alcançado, o duelo entre a fragilidade humana e o peso da capa do herói e o confronto entre o indivíduo e uma estrutura social

Maradona, o homem com "super-poderes", o herói, sofreu uma derrota em 1991, deu a volta por cima e quando os fãs esperavam a vitória triunfal, aquela que redimiria todos os pecados passados, sofreu nova derrota em 1994. Nos dois episódios, os fãs o reverenciaram e o trouxeram para o aconchego do lar, permitindo com isso a eternização do ídolo. Como Garrincha, na figura de Maradona, estão condensados o dilema sobre a rápida ascensão e a difícil permanência do status alcançado, o duelo entre a fragilidade humana e o peso da capa do herói e o

confronto entre o indivíduo e uma estrutura social que detém poderes acima e além dos desejos de cada um. A trajetória de Maradona, até o final da Copa do Mundo de 1994, nos remete a um jogo tenso e ainda em andamento, entre as equipes de Eros e Thanatos. Neste caso, o time de Eros precisa de mais um craque, alguém que saiba desequilibrar, entortar, um craque genuíno, que conheça bem os segredos deste "jogo", os mistérios desta "bola", que saiba flutuar e se oferecer como exemplo, sem correr o risco de ser mal interpretado como moralismo e autoritarismo... Gualicho, é lógico, o único que pode influenciar e virar este jogo na tabelinha santa e invencível como Pelusa... Por que não? Afinal ambos são do continente onde "tudo pode acontecer" e como ensinou o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, uma partida de futebol, só os idiotas da objetividade não conseguem enxergar, obedece as regras do espanto.

SBD/FFLCH/USP	
SEÇÃO DE	Filo. 10. Sociais
AQUISIÇÃO	DATA
João Carlos Muniz Murad	06/10/98